



Cortar¹

Marcus André Vieira

O movimento é simples. Levantar-se da cadeira e eventualmente andar até a porta. Em uma sessão de análise, porém, esse deslocamento corporal pode ter valor estrutural. A cultura *psí* o nomeia “corte lacaniano”, nós, apenas, *corte*. Para que o fim da sessão possa ser um corte devem ser levados em consideração os elementos constituintes do dispositivo analítico - ao menos três.

Como o lugar de onde se fala é o divã, levantar-se e abrir a porta não terá valor se o movimento vem de quem está deitado. De fato, quando se é o agente do que se enuncia (como nesse caso), partir para a ação dificilmente interrompe o discurso. A fala apenas prossegue por outros meios - o que é ainda mais verdade no dispositivo analítico, em que a fala não se reduz à verbalização. Levantar-se, reclamar da decoração ou de desatenção, tudo será lido em relação ao que estava sendo dito. O corte se define pela interrupção do discurso analisante e, portanto, se dá por um elemento heterogêneo a ele. Por isso vem do *corpo* que está na poltrona. É ele que se intromete.

E não basta apenas o deslocamento deste corpo, ele precisa estar na função analista. É preciso que ele encarne o fora do discurso que o discurso agencia e que chamamos, *gozo*. Mais uma vez, porém, isso não basta. O gozo, sozinho, não é corte. Vivido no imaginário é sentimento, emoção, no real é inefável, de um modo ou de outro, seguimos imersos no adormecedor discurso analisante. É preciso o simbólico.

É necessariamente um *fragmento* de simbólico (S1), que vem como se do real fosse por não ser reconhecido pelo discurso do mestre, organizador da história analisante (S1-S2). É fala, mas fora do encadeamento. O corpo do analista é tomado por este desencadeado do inconsciente, dando presença ao gozo de modo operativo ao dar vida a um S1. Atenção! Estamos apenas dramatizando uma estrutura. Claro que ele pode não se levantar para cortar. Se diz, porém, algo como “vamos parar por aqui”, um apelo ao pacto, ou “vou parar você por aqui” uma imposição, seu gesto perde muito em efeito performativo e se afasta do ato.

O essencial é sua urgência em não deixar passar os elementos de discurso fora do encadeamento. É a *pressa* do apólogo lacaniano na dança dos três prisioneiros, assim sintetizada: “se eu não me apressar em sustentar um desses S1s para interromper, jamais haverá o analista”. Outros S1s poderiam seguir-se a este? Talvez melhores? Nunca saberemos.

Essa é a estrutura de temporalidade da *surpresa*. Ela é processo e produto, tanto precisa ser construída quanto lançada na pressa, tanto precisa de um meio, o corpo do analista, quanto de uma matéria, o S1 e, finalmente, precisa de um Outro, o do analisante.

Tudo se realiza no que acontece do lado do analisante. É preciso um assentimento e este se dá pela transferência como *playground*, nos termos de Freud. É preciso que se possa receber a interpretação nas tripas, mas para isso - importante em nosso meio - não se pode estar ali como *matável*². Apesar da mitologia hegeliana do mestre e do escravo, ninguém ali é servo, a não ser de um sexual para além do “tudo ou nada” fálico. Não é preciso que, para que uma análise se inicie, ao menos uma vez tenha sido assim o encontro analítico?

¹ Redigido para o boletim do XI Enapol (Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana).

² A noção de vidas matáveis integra a necropolítica, delimitada por Achille Mbembe e materializada de forma cruel e cotidiana nas periferias e favelas brasileiras, sobretudo contra a população negra.